

Erri de Luca

EM NOME DA MÃE



EDITORIAL AO

Título original

In nome della madre

Giorgio Feltrinelli Editore Milano © 2009

ISBN 978-88-07-01709-4

Capa

Romão Figueiredo

Tradução

Odete Alves

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Gráfica Almondina de Progresso e Vida

Depósito Legal n.º

553868/25

ISBN

978-972-39-1027-8

Outubro de 2025

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

Habitua-te, filho, ao deserto.

Iosif Brodskij

Prefácio

As informações sobre Míriam/Maria vêm das páginas de Mateus e Lucas. Aqui amplia-se um pormenor por eles mencionado: a ascensão da natividade no corpo feminino, o mais perfeito mistério natural.

É, na verdade, sem relevância, a inspiração de um minuto, o contributo masculino. Nesta história ele falta, sem que se sinta a sua falta.

Não está escrito nos seus livros que houvesse parteiras no estábulo ou outras pessoas à volta do parto. O que não está escrito também faz parte da história: não estavam ali. Deu à luz sozinha. Este é o maior prodígio daquela noite do nascimento: a destreza de uma mãe solteira, a solidão sentida. Mais do que uma estrela cometa e três Reis Magos em trilhos de camelos: a sabedoria do parto de Míriam/Maria.

Aqui os pormenores são ampliados para tentar uma aproximação.

«Em nome do pai»: começa o sinal da cruz.
Em nome da mãe começa a vida.

Prólogo

Vento forte de março

Não é estranho a natureza fecundar-se pelo
[vento, como as flores.

Flor é o nome do sexo das virgens,
quem a colhe, desflora

Míriam/Maria engravidou de um anjo,
[no advento,
com as portas escancaradas, ao meio-dia.

O vento envolveu-a contra si
Atravessando o seio, deixou semente
[no ventre.

Foi subindo sem tocar na bainha do vestido.
Na primeira colheita do trigo, passavam três
[meses

a partir do vento forte de março que lhe
[beijou a respiração,
tornando-a matriz de um filho de dezembro,

que é a lua de Kislev¹ para ela, Míriam/Maria, hebreia da Galileia.

¹ Kislev: mês lunar hebraico entre novembro e dezembro.

Primeira estância

Disse-lho no próprio dia. Não poderia ficar uma noite com o segredo. Não passará todo o dia sem a rotura da tua aliança. Estávamos noivos. Na nossa lei é como estarmos casados, mesmo não vivendo na mesma casa. Eis que eu estava grávida.

A voz do mensageiro chegou com uma rajada de vento. Levantei-me para fechar as portadas e, assim que me levantei, fui coberta por um vento, por uma poeira celestial, que me fez fechar os olhos. Na Galileia, o vento de março vem do norte, dos montes do Líbano e do Golá. Traz bom tempo, faz as portas baterem e os tapetes de entrada enrolam-se e parecem grávidos. Nos braços daquele vento, apresentou-se diante de mim a voz e a figura de um homem.

Na nossa história sagrada, os anjos têm um corpo humano normal, não é possível diferenciá-los. Sabe-se que são eles quando vão embora. Deixam um dom e também uma ausência. Nem mesmo Abraão os reconhe-

ceu nos carvalhos de Mambré e tomou-os por viajantes. Deixam palavras que são sementes, transformam um corpo de mulher num pedaço de terra.

Eu estava de pé e vi-o em contraluz, diante da janela. Baixei os olhos que havia reaberto. Sou uma esposa prometida e não devo olhar para a cara dos homens. As suas primeiras palavras ao meu medo foram: «Shalom, Míriam». Antes que eu pudesse gritar, pedir ajuda contra o desconhecido que entrava na sala, aquelas palavras paralisaram-me: «Shalom, Míriam», aquelas com que José se dirigiu a mim no dia do noivado. «Shalom lekhà»², respondi naquele dia. Mas hoje não, hoje não consegui arrançar uma sílaba dos lábios. Fiquei muda. Foi todo o acolhimento que ele precisava, anunciou-me um filho. Destinado a grandes coisas, à salvação, mas prestei pouca atenção às promessas. No corpo, no meu ventre fez-se espaço. Uma pequena ânfora de barro ainda fresca repousava na cavidade do ventre.

² Paz para ti.

O meu José, bonito e forte de se beijar os dedos, apertava os braços contra o corpo, tentando manter-se imóvel, curvado, como se estivesse com dor de barriga. A notícia para ele foi um redemoinho que arrancava o telhado. Procurava um abrigo com o corpo, o rosto perdido, os músculos saltavam fora dos braços. Protegia a barriga tensa e magra, não se permitia tocar-me, abalar a minha calma tão oposta ao seu assombro, sem conseguir fingir um pouco de agitação.

Estava de pé, com as costas direitas, uma nova agilidade dava-me vigor, apercebi-me que era mais alta e mais leve exatamente no meio do corpo, de baixo das costelas, na curva do ventre. Ali onde ele sentiu o golpe e o peso com os músculos contraídos de um atleta submetido ao esforço, recebi um empurrão de baixo para cima que me deu vontade de começar a saltar.

Os tufos dos seus cabelos agitados batiam na sua testa pálida, dançavam diante dos olhos. Alinhei-os com algumas carícias rápidas. No seu estado de confusão era ainda mais bonito.

«Que mais disse ele, o que mais», perguntava José sem fôlego, com a cabeça entre as mãos, os olhos no chão. «Faz por te lembrar, Míriam, é importante, o que mais queria que soubesses?»

Os homens dão tanta importância às palavras, para eles é tudo o que conta, que tem valor. José queria-as para as poder guardar, contar. Imaginou imediatamente as consequências legais. O anúncio quebrou a nossa promessa. Estava grávida de um anjo no advento, antes do casamento. Por isso pediu mais palavras para dizer à assembleia, em busca de uma defesa perante a aldeia.

«Que mais disse ele, Míriam? Por favor, procura lembrar-te, aconteceu apenas há algumas horas». «Fiquei perdida em pensamentos, José, pasmada com a remexida no corpo, com a poeira clara que me atingiu sem deixar rasto no chão, só em cima de mim. Ainda a tenho, vês?» «Deixa estar a poeira, limpas depois, agora ajuda-me, o que direi aos anciãos?»

Enquanto tudo acontecia, olhava para baixo, para o meu vestido até os pés. Debaixo, o meu corpo inacessível estava sereno como uma terra coberta de neve. Enquanto ele falava, eu tornava-me mãe. Os homens têm necessidade de palavras para compreender, aquelas do anjo, para mim, eram vento para deixar passar. Trazia palavras e sementes, para mim bastava apenas uma delas.

Fiquei em pé, diante dele e em pé estava diante de José. Ele sentava-se, levantava-se, voltava a sentar-se, pedia para me sentar, mas eu fiquei em pé. Estávamos prometidos e já era grave estarmos sozinhos debaixo do mesmo teto. Tinha pedido para conversarmos, eles permitiram, mas houve muita confusão e já era quase noite. E, depois, não queria sentar-me. Com as mãos entrelaçadas no ventre raso, tocava a minha pele com a ponta dos dedos para sentir a mudança da minha vida. Foi para mim o primeiro dia da criação.

Esforçava-me por me lembrar de alguma coisa para o consolar. Sentia no peito a sua de-

solação, estava preocupada com a sua aflição pela quebra do nosso pacto de união.

Não me importavam as consequências, de um momento para o outro eu já não pertencia mais à lei. Procurava lembrar-me, mas vinha-me apenas uma alegria, uma festa por aquele ser de nada no corpo que fazia mãe, sem ajuda de homem.

Diante do seu pedido, lembrei-me de algo: «Berukhà att'miccòl hannashìm», bem-aventurada sejas mais que todas as mulheres. «Berukhà?», «Miccol hannashìm?», repetiu atordoado, desorientado. Lágrimas claras caíam sobre as suas mãos escurecidas pelos calos. «Não basta, Míriam, não basta para explicar, ajuda-me, lembra-te, lembra-te de novo».

«Basta, José, basta, foi isto que aconteceu hoje, ao meio-dia. Vim dizer-to. Faz de mim o que quiseres».

José ficou surpreso com a minha paz. Contagiou-o também a ele. Levantou-se, ergueu a cabeça, limpou o rosto com as costas daquelas mãos santas que eu teria querido beijar. «Conheces a lei, Míriam?» «Conheço

a lei». «De trás para a frente?» «Não tão bem como tu, não todas as palavras. Cabe a vós, homens, sabê-la de cor. Sei as consequências».

«Deixa que te repita os versículos sagrados. São do livro Devarim³: *Quando uma jovem virgem noiva de um homem for encontrada com um homem e com ele deitada.*

E fareis sair os dois para uma porta da cidade, aquela, e os lapidareis com pedras e morrerão, a jovem porque não gritou na cidade e o homem porque violentou a mulher do seu companheiro. E queimarás o mal do teu peito.

E⁴ se no campo o homem encontrar a mulher prometida e a forçar a deitar-se com ela: morrerá o homem que se deitou com ela, apenas ele.

E à jovem não fareis coisa alguma, não é para a jovem culpa de morte. Porque é como se um

³ Deuterónimoio.

⁴ Traduzo à letra, sem alterar a ordem das palavras na frase hebraica. Aqui entende-se: se um homem encontra num campo a noiva de outro e a violenta, aquele homem será morto, mas não a mulher, porque estava sozinha e, ainda que gritasse, ninguém a poderia socorrer.

homem se erguesse contra o seu companheiro e o matasse, assim é.

Porque no campo a encontrou, a jovem gritou e não houve ninguém que a tenha escutado.

É isto. É esta a lei que está acima de nós, agora».

«Escuta-me, Míriam. Existe uma possibilidade. Tu, amanhã, sob qualquer pretexto, vais sozinha para o campo, à procura de alguma erva de inverno para fazeres uma mezinha. E voltas do campo à noite, dizendo que foste atacada e violada, que gritaste, mas ninguém te respondeu. Já aconteceu, sabe-se de outros casos de raparigas que assim conseguiram evitar a acusação de adultério».

Olhei para José pela primeira vez. Conhecia o seu rosto sereno, mesmo coberto de moscas e de cansaço. Agora vejo um homem desolado que tenta gerir a situação arquitetando mentiras. Como deve ser importante para os homens a lei, para a reduzirem a isto. Disse: «Aquele homem mensageiro veio até mim ao meio-dia, portas e janelas abertas, escan-

caradas. Encontrava-me em pé, diante dele, no meu quarto, e não pronunciei uma sílaba, nem sequer respondi à sua saudação, quanto mais gritos».

«Eu sei, Míriam, mas agora temos de encontrar uma solução, dar uma explicação para a tua gravidez fora da lei. Míriam, eu amo-te, peço-te isto porque acredito em ti e quero salvar-te. Míriam, vão arrastar-te para a porta de Nazaré e vão lapidar-te. E vão pedir-me para te lançar a primeira. Entendes isto? Entendes? Conheces a nossa lei». E sufocava as suas palavras para não gritar e deixá-las sair.

Lembrei-lhe que outras mulheres de Israel tinham sido mães através do anúncio de um anjo. Sara de Abraão, mais tarde a mãe de Sansão. «Eram esposas, Míriam, eram mulheres estéreis, o anúncio era como que um fertilizante. Os filhos eram a semente dos maridos, Isaac era de Abraão, Sansão de Manoá. Tu estás prometida, ainda não estás casada, e o filho do teu ventre não é meu».

Tinha razão, os homens conhecem a história sagrada melhor que as mulheres, podem estudá-la, nós não. Calava. Não me importava. O que os homens faziam com as suas palavras, presos às suas fórmulas como pregos em madeira: não me importava.

Houve mulheres em Israel contra a lei que tiveram razão. Elas agiram com o seu corpo contra os mandamentos e tornaram-se mães de Israel. Tamar, a cananeia, casa-se com dois filhos de Judá que morrem sem a deixar grávida. Judá promete-lhe o terceiro, mas depois desiste do acordo. Então Tamar veste-se de prostituta e vende-se tapada a Judá, que não a reconhece. Como não tem dinheiro consigo, deixa de fiança o cajado e o cordão com o selo. Manda o seu servo no dia seguinte com o pagamento, mas não a encontra. Depois espalha-se a notícia de que Tamar está grávida. Judá, que é o chefe da comunidade, acusa-a de adultério e condena-a ao fogo. Tamar mostra os penhores e diz que está grávida do dono dos pertences. Judá reconhece-os e diz diante da comunidade a frase mais bonita que um

homem de Israel pode dizer de uma mulher: «Foi mais justa do que eu».

Tamar violou a lei para a poder aplicar, porque tinha o direito de ser mãe em Israel. Lindo o nome Tamar, palmeira que quer dar frutos.

Esses pensamentos passavam em turbilhão na minha cabeça, mas não os dizia. «O que tens, Míriam? Sorris? Não temos tempo, já está escuro e o encontro não pode durar mais. Temos de nos separar e ainda não decidimos nada».

Estava feliz. Teria querido abraçar o meu José, por ele saía-me do peito uma ternura nunca sentida. O respeito, a submissão que nos ensinam pela autoridade masculina diminuem os sentimentos afetuosos. Mas o anúncio do anjo e a resposta do meu corpo naquele dia tinham-me libertado. Não corei, a confiança de que estava certa dava-me a prontidão necessária e uma nova atitude. Até o meu silêncio mudou.

Com a ternura veio a gratidão. Acreditou em mim. Contra todas as evidências, confiou

em mim. No seu belo rosto nem um só músculo de suspeita se mexeu, nem um pestanejar amargo, nem um olhar de esguelha. E tinha visto a sua Míriam pela primeira vez, porque era a primeira vez que o olhava nos olhos, sem baixar a cabeça, como nem as esposas ousam fazer. Acreditou em mim, estava feliz e inflamada de gratidão por ele. «Faz o que é justo, José. Hoje eu sou tua mais do que nunca, mais do que a promessa».

Índice

<i>Prefácio</i>	7
Prólogo	9
Primeira estância	11
Segunda estância	25
Terceira estância	47
Última estância	65
Três Cânticos	81